


Brenda Sarah Cardoso **DE CASTRO\***   
Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil  
[brendasarahcardoso@gmail.com](mailto:brendasarahcardoso@gmail.com)

Fredson Bernardino Araújo **DA SILVA\***   
Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil  
[fbernardino1997@gmail.com](mailto:fbernardino1997@gmail.com)

Marcos Castro **DE LIMA\***   
Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil  
[castrolmar1@gmail.com](mailto:castrolmar1@gmail.com)



## NOTAS SOBRE PRÁTICAS ESPACIAIS E URBANIDADES NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS DA ILHA DO CAREIRO (CAREIRO DA VÁRZEA-AM)

*Notes on urbanities in riverside communities on Careiro Island (Careiro da Várzea-AM-Brazil)*

*Notas sur prácticas espaciales et urbanidades nas comunidades ribeirinhas da Ilha do Careiro (Careiro da Várzea-AM)*

### RESUMO

Mediante o avanço das características do modo de vida urbano para comunidades ribeirinhas e considerando a importância de discutir a presença expressiva das urbanidades nessas comunidades, o objetivo deste trabalho é examinar a importância das urbanidades e das práticas espaciais nas comunidades ribeirinhas da Ilha do Careiro no município de Careiro da Várzea (AM). Foi necessário diálogo entre o que foi observado em campo com a bibliografia pertinente que trata da questão ribeirinha na Amazônia. Constatou-se a centralidade do tempo cíclico/ecológico para as comunidades rurais da região. Das práticas espaciais observadas no espaço ribeirinho: deslocamento sazonal do gado (da várzea para terra firme e vice-versa); reservatório de água (apesar da abundância deste recurso); incorporação/adaptação de objetos técnicos com padrão arquitetônico urbano (escola e igreja); relação diferenciada do sagrado com a dinâmica fluvial (margens instável e estável); elevação de área agricultável (canteiro e aterro). Sobre a interlocução das comunidades ribeirinhas com a metrópole: violência na comunidade (agentes externos); empregos intermitentes na metrópole (no período de baixa da pesca/agricultura). Destaca-se, por fim, a presença de elementos e práticas tipicamente urbanas em um ambiente predominantemente rural, sem excluir o ser ribeirinho e sua vida cotidiana.

**Palavras-chave:** Ilha do Careiro; Careiro da Várzea; ribeirinho; urbanidade; Amazônia.

\* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas (AM). Bolsista FAPEAM.

\*\* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas (AM). Bolsista FAPEAM.

\*\*\* Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo.

## ABSTRACT

Given the advance of the characteristics of the urban way of life in riverside communities and the importance of discussing the significant presence of urbanities in these communities, the aim of this paper is to examine the importance of urbanities and spatial practices in the riverside communities of Ilha do Careiro in the municipality of Careiro da Várzea (Amazonas, Brazil). A dialog was needed between what was observed in the field and the relevant bibliography dealing with the riverside issue in the Amazon. The centrality of cyclical/ecological time for rural communities in the region was noted. Of the spatial practices observed in the riverside space: seasonal displacement of cattle (from the “várzea” (floodplain) to “terra firme” (non-floodable area) and vice versa); water reservoir (despite the abundance of this resource); incorporation/adaptation of technical objects with an urban architectural pattern (school and church); differentiated relationship of the sacred with river dynamics (unstable and stable riversides); elevation of arable area (flowerbed and embankment). On the interlocution of riverside communities with the metropolis: violence in the community (external agents); intermittent jobs in the metropolis (during the fishing/agriculture downturn). Finally, the presence of typically urban elements and practices in a predominantly rural environment stands out, without excluding the riverside being and its daily life.

**Keywords:** Ilha do Careiro; Careiro da Várzea; riverside; urbanity; Amazon.

## RESUMEN

Dado el avance de las características del modo de vida urbano en las comunidades ribereñas y la importancia de discutir la presencia significativa de las urbanidades en estas comunidades, el objetivo de este trabajo es examinar la importancia de las urbanidades y las prácticas espaciales en las comunidades ribereñas de Ilha do Careiro en el municipio de Careiro da Várzea (AM). Fue necesario establecer un diálogo entre lo observado en el campo y la bibliografía relevante que aborda la cuestión ribereña en la Amazonia. Se constató la centralidad del tiempo cíclico/ecológico para las comunidades rurales de la región. De las prácticas espaciales observadas en el espacio ribereño: desplazamiento estacional del ganado (de la planicie de inundación a tierra firme y viceversa); reserva de agua (a pesar de la abundancia de este recurso); incorporación/adaptación de objetos técnicos con un patrón arquitectónico urbano (escuela e iglesia); relación diferenciada de lo sagrado con la dinámica fluvial (orillas inestables y estables); elevación de tierras cultivables (parterres y terraplenes). En cuanto al diálogo entre las comunidades ribereñas y la metrópoli: violencia en la comunidad (agentes externos); empleos intermitentes en la metrópoli (durante la recesión pesquera/agrícola). Por último, destaca la presencia de elementos y prácticas típicamente urbanos en un entorno predominantemente rural, sin excluir al ser ribereño y su vida cotidiana.

**Palabras clave:** Isla Careiro; Careiro da Várzea; ribeirinho; urbanidad; Región Amazónica.

## INTRODUÇÃO

O urbano apresenta-se como o elemento abstrato e a cidade a parte objetiva de um par conceitual que ajuda a compreender o espaço, onde o primeiro não depende necessariamente do segundo para ocorrer, porém, a cidade depende do urbano para existir (Lencioni, 2008). A urbanidade aqui entendida como uma identidade do urbano, traduzida em objetos e práticas que não estão necessariamente localizados em cidades. É o caso da Ilha do Careiro no município de Careiro da Várzea (AM), em que se pode verificar uma série de urbanidades numa paisagem predominantemente rural, especificamente no contexto amazônico das comunidades ribeirinhas.

Essas urbanidades são variáveis ao longo das margens da Ilha do Careiro e, entre outros aspectos, são manifestas na paisagem ribeirinha através do meio técnico e pela organização espacial tipicamente urbana, mas que estão cada vez mais presentes nas comunidades varzeanas, sobretudo aquelas próximas da metrópole, traz-se um novo modo de vida, mas não exclui o ser ribeirinho e sua vida cotidiana.

A área estudada, a Ilha do Careiro, abrange algumas comunidades, sendo destacadas neste estudo: São José, São Francisco, Conceição da Terra Nova, Paraná da Terra Nova, Lago do Marimba e Cristo Rei, localizadas na área que corresponde ao município do Careiro da Várzea, estabelecidas nos limites da Região Metropolitana de Manaus, no estado do Amazonas, Brasil.

O objetivo do trabalho é refletir sobre a importância das urbanidades e das práticas espaciais nas comunidades ribeirinhas da Ilha do Careiro. A discussão se pauta nas relações socioespaciais e no entendimento sobre as urbanidades presentes na paisagem ribeirinha e nas observações quanto ao regime hidrológico e suas influências no cotidiano dos moradores dessas áreas.

É a partir dessas perspectivas que o estudo se desenvolveu, estruturado em três partes: i) ressaltou-se a importância dos regimes fluviais para os moradores da várzea e suas implicações no modo de vida nessas comunidades; ii) da análise da inserção dos elementos urbanos no ambiente rural; iii) destaca uma aproximação dessa população com a cidade, amplia o acesso às tecnologias de comunicação e às materialidades características do homem urbano.

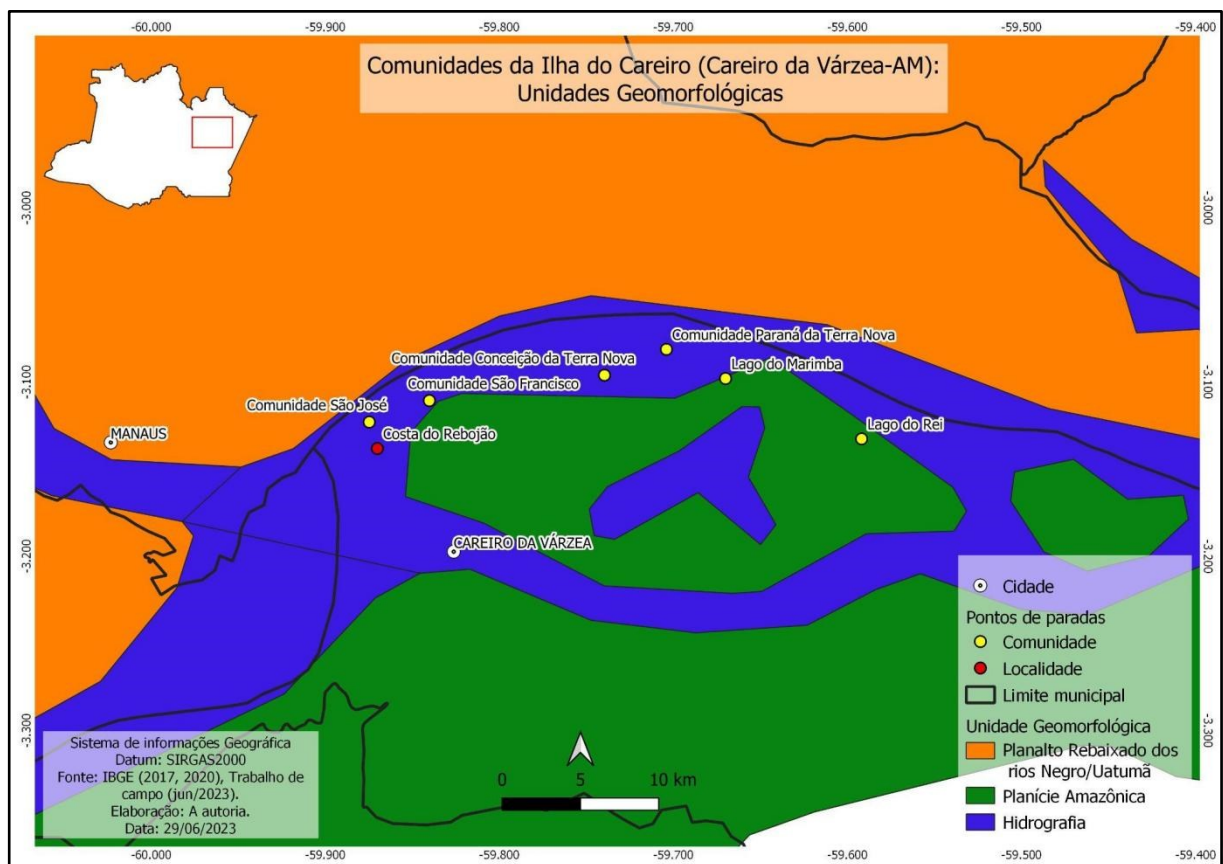
## Procedimentos Metodológicos

Partiu-se de uma construção teórica que teve como enfoque as questões do modo de vida ribeirinho e as urbanidades nele contidas. O trabalho procurou desenvolver o levantamento bibliográfico em articulação com atividade em campo realizada durante o mês de junho de 2023.

O trabalho em campo foi realizado por uma embarcação de modo a circundar toda a Ilha do Careiro. Parte das discussões desenvolvidas em campo estão expressas por meio do material fotográfico presente no trabalho. Além disso, foi elaborado mapa temático produzido no *software* Qgis 3.30.1.

Em duas comunidades foram realizadas paradas, o que permitiu o diálogo aberto com moradores, são elas: São Francisco e Cristo Rei. Sobre as demais comunidades (São José, Conceição da Terra Nova, Paraná da Terra Nova, Lago do Marimba), as observações foram feitas durante o trajeto do campo via barco em que se destacam os elementos da geomorfologia fluvial — a discussão será apresentada no desenvolvimento deste trabalho (Figura 01).

**Figura 01** - Mapa das unidades geomorfológicas da área de estudo.



Fonte: Elaboração: da autoria em: IBGE (2017, 2020), trabalho de campo jun. 2023

Cita-se ainda que durante a atividade em campo, procurou-se identificar as práticas espaciais utilizadas pelos moradores da área de estudo. As práticas espaciais mais comuns (seletividade, fragmentação, marginalização e etc.) são elencadas por Corrêa (2000, p. 35), mas não se limitam a elas, visto que o conceito consiste na ampla gama de práticas que visam a realização dos projetos particulares dos agentes produtores do espaço na gestão do território, estas garantem a organização espacial e a reprodução social dos mesmos.

### **A paisagem na ilha do Careiro e a relação com a metrópole**

A Ilha do Careiro corresponde à unidade geomorfológica da Planície Amazônia e, portanto, trata-se de uma porção onde predominam os processos de sedimentação em detrimento das dinâmicas geofísicas associadas à dissecação. A Ilha tem em sua paisagem a característica de concentrar uma série de lagos em seu interior, o que é explicado pela forma com que suas bordas são mais elevadas do que a parte central, dá-lhe uma morfologia de “prato”, fato mencionado no estudo pioneiro de Sternberg (1998) sobre a localidade.

A paisagem da região é marcada pelas várzeas, tratando-se de um ambiente que é produto da dinâmica hidrológica dos rios, tanto no esculpimento do seu leito (maior e menor), quanto na deposição de material sedimentar que pode ser encontrado em diferentes estágios pedogenéticos. Deste modo, a várzea encontrada na Ilha do Careiro é formada pelo acúmulo de aluviões holocênicos recentemente depositados (Rios; Matos, 2017). Esta planície é frequentemente coberta pelas águas dos rios e apresentam significativo volume de sedimentos em suspensão que compõem o sistema fluvial Solimões/ Amazonas. Estes rios, por serem caudalosos, por um lado, depositam uma grande quantidade destes sedimentos nos diques marginais, o que resulta na formação de novas terras via áreas de deposição e altera a configuração da paisagem da várzea e, por outro lado, em função da força cinética, solapam outras áreas gerando acelerada perda de terras das margens fluviais, fenômeno conhecido regionalmente como “terras caídas”.

O processo de ocupação não-indígena na Ilha do Careiro, segundo Sternberg (1998), deu-se no final do século XIX com nordestinos, sobretudo cearenses, que migraram daquela região em período de severas secas. O resultado dessa sedentarização de várzea foi a gênese do processo de caboclicização na localidade.

No contexto atual, do ponto de vista locacional, a Ilha do Careiro, por estar próxima à metrópole Manaus, obtém maior influência do urbano em suas comunidades, contém em seu meio a presença de fatores técnicos responsáveis pela aceleração do tempo social no meio rural. Um dos aspectos vistos nesses ambientes, segundo Raulino (2023), é a maior intensidade de fluxos

imateriais, como acesso à internet e o pagamento via pix. Entretanto, de maneira geral, este último ponto se dá de forma rarefeita na localidade. Em contrapartida, é possível verificar o uso extenso (e intenso) das redes de telecomunicação como sinal de televisão e comunicação por aplicativos de troca de mensagens rápidas como *Whatsapp* via *wi-fi*.

Outro elemento que chama atenção na interlocução das comunidades com a metrópole é a presença de pequenos comércios locais que abastecem as famílias, com características similares às mercearias (“mercadinhos”) encontradas nos bairros da metrópole, especialmente os das frações mais periféricas, contém produtos de consumo diários, como aqueles para alimentação e higiene pessoal, sendo um nó de rede de baixa hierarquia na distribuição desses produtos no núcleo metropolitano Manaus.

Não obstante, a vida dos residentes da várzea na Ilha do Careiro possui inúmeras particularidades quando se trata do ciclo hidrológico, contexto que está diretamente relacionado às formas do relevo já mencionadas. Assim, o fato marcante no tempo social ribeirinho é a ciclicidade (sazonal) que acompanha a subida e descida das águas, onde, por exemplo, há períodos de escassez na pesca e agricultura, sendo comum o ribeirinho ir à procura de emprego intermitente na metrópole, na construção civil e entre outros setores produtivos, no intento do mantimento de suas necessidades familiares.

### **Amazônia ribeirinha, tempo (social) cíclico e práticas espaciais**

Na Amazônia, a importância da água é central na discussão socioespacial (Nogueira, 1997), pois, além de recurso essencial à humanidade, remete-se às áreas varzeanas, sobretudo porque no contexto urbano-metropolitano interferem nos interesses capitalistas frente à valorização das terras, por serem inundáveis anualmente. Essas mesmas terras menos valorizadas à seletividade espacial dos promotores imobiliários são áreas que trazem vantagens às famílias ribeirinhas que nelas habitam (Bernardino; Lima, 2021).

Na Amazônia, há diversas formas de moradias tanto na terra firme, quanto em área de várzea, nesta última, na porção rural, enfatiza-se as comunidades ribeirinhas que se localizam em áreas inundáveis, contexto que discutido a partir da concepção de “homens anfíbios” proposta por Fraxe (2004), bem como na porção urbana, com as “cidades anfíbias”<sup>1</sup> mencionadas por Lima (2014, 2021).

<sup>1</sup> Define-se cidade anfíbia como "pequeno núcleo urbano cuja expansão é limitada pelo fato de se encontrar em área

As comunidades ribeirinhas se localizam às margens de rios e/ou lagos e têm suas funcionalidades a partir da apropriação da água, onde se configura de maneira diferenciada a relação sociedade-espaco nos períodos de enchente e vazante. A ocupação das margens de rios e lagos na Amazônia está associada às questões produtivas (pesca, extrativismo e entre outras), histórico-culturais e da necessidade de circulação, visto que o modal fluvial se mostra como o principal em muitos dos locais de povoamento. Para pensar a ocupação amazônica a partir da rede de cidades, Lima (2021) oferece indicações acerca do modo de vida ribeirinho:

Para além das determinações globais, **na Amazônia há as determinações locais e singulares cíclicas, como o regime hidrológico que não podem ser relegadas a um segundo plano no que concerne à formação da rede urbana.** Outro aspecto relevante a se considerar é que a cidade na Amazônia, especialmente as que estão em áreas de várzea e que sofrem diretamente a influência do regime hidrológico, não surgiram totalmente pela vontade humana, mas pela necessidade humana (Lima, 2021, p. 81-82, grifo nosso).

Neste sentido, é possível verificar similitudes entre a formação de cidades para com os casos das comunidades ribeirinhas. Observa-se relações espaciais particulares que condicionam contextos e ritmos sociais diferentes, ou seja, é necessário destacar a importância do predomínio do tempo cíclico para compreender o modo de vida ribeirinho.

Entende-se como tempo cíclico o evento ecológico que, na Amazônia, expressa-se mais claramente pelo ciclo hidrológico, vinculado aos regimes de cheia, enchente, vazante e seca, o que muda a paisagem sazonalmente (Lima, 2021). O tempo social típico da várzea amazônica se diferencia da temporalidade dos regimes restritivos da acumulação e do modo de produção moderno baseado no *just in time*, ou seja, o tempo cíclico/ecológico da vida ribeirinha se constitui em uma polarização<sup>2</sup> junto do tempo acíclico/cronológico que tem como principal característica a determinação da produção capitalista.

Um dos signos mais importantes da organização espacial que demonstra a relevância do rio para o modo de vida ribeirinho é que as construções, inclusive as moradias, têm suas fachadas voltadas para o sistema fluvial. Nas comunidades ribeirinhas da Ilha do Careiro não é diferente (Figura 02).

---

de várzea [...] impedindo a sua expansão" (Lima, 2021, p. 74). Ressalta-se que não se trata de determinismo ambiental de nenhum gênero, pois esse entendimento parte da atuação dos promotores imobiliários e sua gestão do território corporativa para com o espaço.

<sup>2</sup> O termo "polarização" é aqui empregado no mesmo sentido que Milton Santos (2004) utiliza para designar os dois circuitos espaciais da economia urbana, isto é, constituem-se em dois polos mas não são separados, z dialética que auxilia o entendimento de sua operação na realidade espacial.

**Figura 02** - Diversidade de residências em áreas de várzea, na Ilha do Careiro. A) Residência flutuante da comunidade do Paraná do Careiro; B) Moradia na margem na comunidade do Paraná do Careiro; C) Moradias de palafitas na comunidade Cristo Rei, do Lago do Furo do Rei.



Fonte: A autoria, jun. 2023.

Essas comunidades possuem características de resiliência, que podem ser vistas principalmente na constituição das residências, como verificado em campo durante a cheia (no mês de junho de 2023), cada casa é construída sobre suportes flutuantes e/ou palafitas, o que depende da área/situação que estão alocadas, como mostra as imagens da figura 02.

Foram identificadas algumas práticas espaciais particulares durante o trabalho de campo realizado na comunidade Cristo Rei (com cerca de 65 famílias). Conforme relato de uma moradora, o ciclo hidrológico demanda o deslocamento do gado da várzea para a terra firme, o que ocorre em meados de abril, período de enchente. Os donos desses animais pagam um aluguel de estadia por cada cabeça de gado ao proprietário do terreno de terra firme, que fica em torno de R\$60,00 mensalmente, para o gado explorar a pastagem. O rebanho retorna para as imediações da comunidade de várzea em meados de agosto, no período de vazante.

Além do relato acima, a moradora da comunidade Cristo Rei (Figura 03) descreveu, no que concerne à pesca, o que estamos denominando como temporalidade cíclica. Dando ênfase para a cheia, ou seja, o pico anual da enchente, observou-se que durante este evento ocorre uma intensa queda no aparecimento de espécies de peixes consumidos e comercializados pelos moradores. No relato da moradora: "essa época, mês de junho, é a época mais difícil, porque é época de *repiquete*<sup>3</sup>, já para secar<sup>4</sup> o rio, então os peixes sentem, quando é essa época, eles saem para algum lugar, mas eles ficam muito ruim de pegar" (Fala da moradora, entrevista no trabalho de campo). Segundo o mesmo relato, a comunidade Cristo Rei conta com cerca de 90 pescadores, o que demonstra que

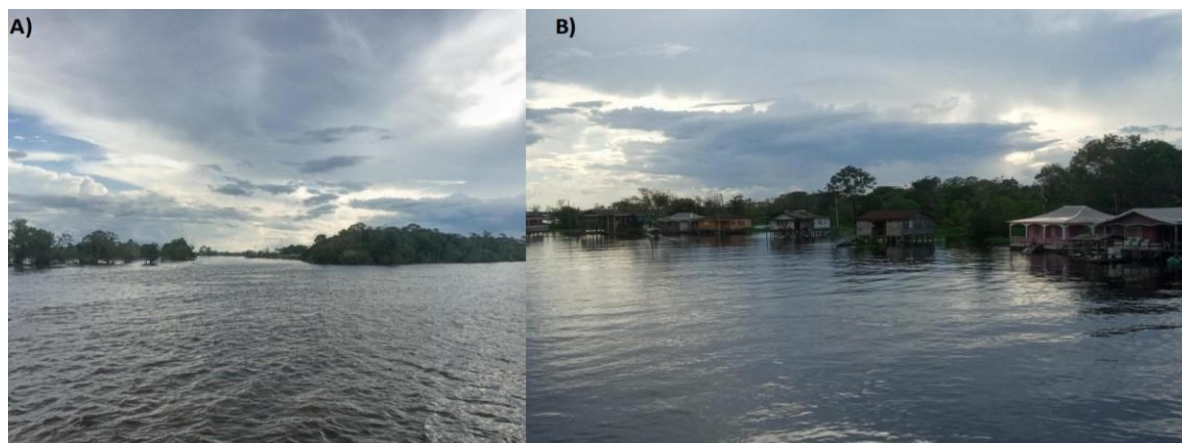
<sup>3</sup> Terminologia regional amazônica, um fenômeno que ocorre durante a cheia dos rios, quando alcançam seu limite máximo, quadro que gera instabilidade.

<sup>4</sup> Terminologia coloquial para quando o rio/lago apresenta indícios de transição do período de cheia para vazante.



o lugar é essencialmente dependente da pesca. Portanto, há uma ciclicidade da pesca que afeta diretamente a dimensão produtiva da vida ribeirinha (Cruz, 2009).

**Figura 03** - Vista da comunidade Cristo Rei, característica localidade ribeirinha da região; A) Entrada da comunidade Cristo Rei do lago do Furo do Rei; B) Moradias palafíticas da comunidade Cristo Rei.



Fonte: A autoria, jun. 2023.

Na fala da moradora, fica clara a relação das comunidades ribeirinhas com os ciclos dos rios e lagos, além disso, destaca-se que a articulação interfere na dinâmica socioeconômica, o que não significa tratar-se de um determinismo ambiental. Esse contexto impacta no cotidiano, bem como ajuda a entender a manifestação de práticas espaciais particulares desse grupo.

A importância da sazonalidade para o modo de vida ribeirinho é central. É possível destacar esses processos junto à determinação comunitária de unir-se para a realização de atividades, por exemplo, da pesca, seja ela para comercialização ou para satisfazer a própria segurança alimentar (subsistência).

Já sobre a seca, a entrevistada relata que é comum a morte de animais nesse período, podendo resultar em escassez da pesca nessa área. Ela também cita os problemas para o consumo de água no período da seca, visto que os recursos hídricos são comprometidos pelos corpos de peixes mortos, fato que causa odor desagradável no rio. Por esse motivo, houve a necessidade de construção de um poço e instalação de água encanada (Figura 04) com tratamento para consumo humano, ou seja, uma paisagem com abundância de água, mas que, semelhante a áreas urbanizadas da metrópole, precisa de um reservatório separado para este recurso natural.

**Figura 04** - Caixa d'água na comunidade Cristo Rei

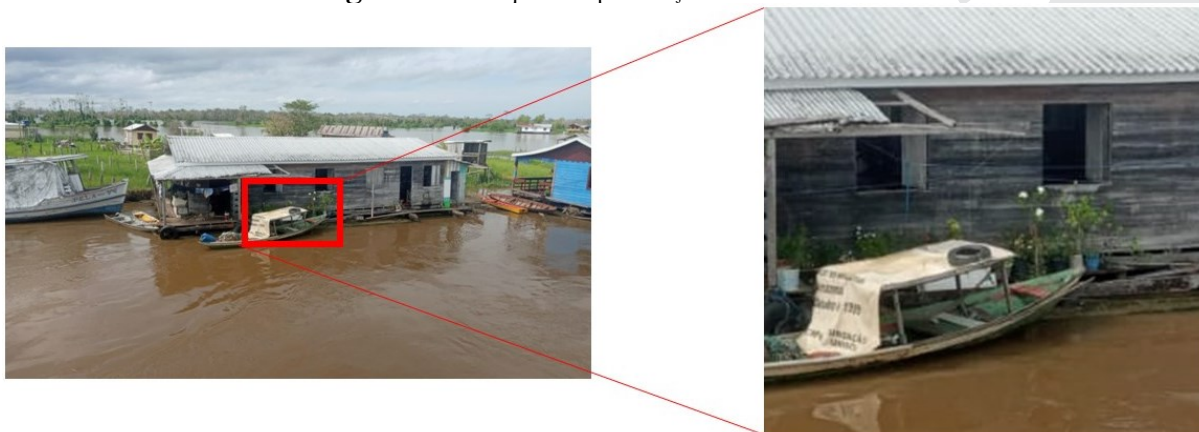


Fonte: A autoria, jun. 2023.

O plantio em áreas de várzea também é impactado pela ciclicidade da Amazônia ribeirinha. Nessas áreas, há deposição de novas terras, que ocorre por conta da subida das águas que carregam consigo relativamente grandes proporções de sedimentos que decantam em algumas localidades (dependendo do percurso do rio) de várzea. Embora essa dinâmica contribua para a manutenção da fertilidade dos solos da região, por exemplo, os neossolos flúvicos, nesse período sazonal, a agricultura fica comprometida por conta das altas cotas fluviométricas, sendo que isto dificulta a existência de uma extensa plantação (contínua) nessas localidades.

As práticas espaciais que se relacionam ao ciclo hidrológico nesses espaços são diversas, podendo ser destacadas as técnicas de canteiro para pequena produção de hortaliças (Figura 05) de ciclo curto e aterramento para lavouras maiores, onde se criam artificialmente elevações para a agricultura.

**Figura 05** - Pequenas plantações em canteiros.



Fonte: a autoria, jun. 2023.

Apesar do transporte e deposição dos sedimentos ocorrerem no período de enchente, somente são visíveis na vazante. Menciona-se ainda que esses solos são utilizados por determinados meses, e o cultivo se desenvolve apenas com certas espécies de vegetais de colheita mais rápida (Cruz, 2009), cerca de 3 a 6 meses, este fato também foi pontuado pela moradora entrevistada como comum na comunidade Cristo Rei.

Na várzea amazônica, o tempo cíclico é um fator essencial e influencia no modo de vida do ribeirinho, as populações residentes dessas áreas têm uma relação de sociabilidade entre as famílias, uma construção de uma sociedade local com marcante característica “comunitária”, onde há uma organização socioespacial que, neste aspecto, se difere daquela, em geral, praticada na metrópole, mais individualista. A ideia de comunidade que se faz alusão se aproxima da crítica elaborada por Bauman (2001), que a relaciona com a noção de integração e cooperação. A rigor, a dinâmica socioespacial que se constrói nas comunidades ribeirinhas é articulada ao tempo social cíclico das várzeas e da coletividade.

É possível identificar a existência de uma tensão territorial. Segundo uma moradora da comunidade Cristo Rei, há um controle feito pelos moradores com relação à pesca na localidade, especialmente por conta do acesso ao Lago do Rei, no interior da Ilha do Careiro. Nos principais períodos de pesca do lago, no turno noturno e mesmo de madrugada, não é permitida a entrada de pessoas e suas embarcações no local. Os critérios para esse acesso são decididos previamente em assembleia da comunidade com as demais próximas. No geral, conforme a moradora, a comunidade internamente segue o que foi estipulado, porém, eventualmente, há um grupo externo que tenta se antecipar aos demais. Ela ainda comenta que esse controle é necessário, do contrário, haveria uma dinâmica predatória, o que geraria prejuízos à subsistência dessa comunidade.

Os processos de erosão e deposição do rio são condicionantes na perda e ganho de terras nessas áreas, mais uma vez a dinâmica fluvial se mostra presente no cotidiano dessas populações, havendo práticas espaciais que indicam uma diferenciação espacial na dinâmica ribeirinha: enquanto alguns moradores reconstróem suas casas e demais construções em localidades mais distantes ou mais altas das margens erodidas para não serem surpreendidos pela perda repentina de terras; outros moradores das margens, onde ocorre o processo de deposição, chegam a ampliar suas plantações.

Para a perda de sedimentos em margens erodidas do rio, como mostra a figura 06, é denominado, como já mencionado, terras caídas, sendo definido por Carvalho (2006, p. 15) como "uma terminologia regional amazônica utilizada para designar, indistintamente, escorregamento, deslizamento, desmoronamento e desabamento que acontece nas margens dos rios".

Durante as observações de campo, notou-se a presença de pequenos cemitérios (Figura 06) fixados nas comunidades ribeirinhas, sendo perceptíveis através das características simbólicas, tais como pequenas construções e jazigos identificados com cruz, que os relacionam a importância dessas áreas com o sagrado (cristianismo), no que concerne aos entes falecidos.

**Figura 06** - Elementos registrados em campo. A) Margem instável - Pequeno Jazigo e a presença do processo de Terras caídas a frente deste. B) Margem estável - Presença de Jazigo na Comunidade São Francisco.



**Fonte:** A autoria, jun. 2023.

A memória afetiva com essas áreas até então reservadas pelos próprios moradores para o descanso de seus mortos, estão suscetíveis ao desaparecimento quando ocorre o processo de erosão em margens sujeitas às terras caídas.

As perspectivas quanto a permanência do homem varzeano no lugar se difere daquelas comuns à terra firme. Como ressaltado por uma moradora da Comunidade São Francisco, que apesar de se orgulhar de permanecer onde nasceu, reconhece que sua comunidade apresenta algum nível de violência, este seria incomparavelmente menor que aquele encontrado na metrópole Manaus. Ela comenta que, apesar de eventos esporádicos de violência, especialmente furtos, em sua comunidade há forte relação “comunitária” entre os moradores. A moradora ainda aponta que muitos desses eventos relacionados a furtos e afins são praticados por pessoas vindas da metrópole, isto é, que não pertencem à vida cotidiana das comunidades ribeirinhas da Ilha do Careiro.

### As urbanidades e o mundo rural ribeirinho

A presença de características e técnicas urbanas em um espaço que *a priori* é denominado como rural, levanta algumas ideias sobre o que seria “rural” na Amazônia da atualidade. Durante o

campo, foram observados objetos técnicos que antes eram específicos de áreas urbanas e que são cada vez mais comuns nas comunidades ribeirinhas, como rede de energia elétrica, telefonia (móvel), internet etc. Esses objetos são descritos por Santos (2006, p. 41) como “aquilo que o homem utiliza em sua vida cotidiana, ultrapassa o quadro doméstico e, aparecendo como utensílio, também constitui um símbolo, um signo”.

Nos espaços rurais ribeirinhos, como as comunidades encontradas no trabalho de campo na Ilha do Careiro, o modo de vida urbano aparece como signo por meio de alguns elementos, por exemplo, intensificação do comércio, uso contínuo no acesso à internet e etc., onde é evidente a interdependência entre os objetos técnicos e as ações.

Esse modo de vida descrito, é entendido como os sistemas de ação, esses sistemas, segundo Santos (2006), seriam ações que o ser humano detém, ou seja, o exercício de mudar o meio. Por exemplo, a instalação da energia elétrica promove uma substancial mudança de hábitos das comunidades ribeirinhas.

Dois dos objetos que também se destacaram foram a presença marcante de igrejas e escolas que destoam da paisagem local, pois correspondem a um modelo arquitetônico originalmente pensado para o meio urbano. Isso pode ser observado pelo material construtivo, especialmente no uso de colunas de concreto e bases de ferro, material vinculado ao tempo acíclico da vida urbana. No entanto, nota-se as adaptações técnicas nesses objetos, como a inserção de pilotis (palafitas). A escola e a igreja nas comunidades ribeirinhas constituem centralidades importantes (Figura 7).

**Figura 07** - Igrejas nas comunidades da Ilha do Careiro. A) Igreja Assembleia de Deus em comunidade do Paraná do Careiro; B) Igreja Adventista na comunidade Cristo Rei do Lago do Furo do Rei.



Fonte: A autoria, jun. 2023.

O avanço das denominações evangélicas em comunidades ribeirinhas é cada vez mais presente, onde o lugar de predomínio de relações sociais tem sido a igreja, tanto como função de

exercício religioso, quanto para reuniões comunitárias, fato observado em campo. Uma das características presenciadas nessas comunidades é a diferença na sua toponímia, caso exemplar é a comunidade da Cristo Rei, onde há atualmente um predomínio da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que está próxima de outras comunidades de toponímica católica. A comunidade Cristo Rei, segundo relato de uma moradora, é mais recente que as demais de origem católica (São Francisco etc.), com cerca de 29 ou 30 anos.

Com exceção da denominação Assembleia de Deus, as igrejas associadas ao neopentecostalismo não foram observadas de maneira massiva como na metrópole, onde se encontra um contingente populacional maior. Visto que nessas comunidades a igreja é um lugar não apenas para a realização das celebrações religiosas em sentido estrito, mas de encontros, fato que contribui para valorização do senso comunitário entre os moradores.

Teria o meio técnico-científico-informacional (MTCI) ocorrido no mundo ribeirinho? Não porque, de modo geral, não corresponde à perspectiva que Milton Santos (2006, p. 160) sustenta, mesmo quando afirma que: “Antes, eram apenas as cidades que se apresentavam como o império das técnicas, objeto de modificações, supressões, acréscimo, cada vez mais sofisticados e mais carregados de artifício. Esse mundo artificial inclui, hoje, o mundo rural”.

Desse modo, melhor seria falar em “fragmentos” do MTCI no contexto da Amazônia ribeirinha. Portanto, nas comunidades ribeirinhas, há entrada de tecnologia da informação, especialmente voltada para comunicação (exemplo: mídias sociais), o que é justificado em função de questões como emergências médicas (caso citado por uma das moradoras), além de uma significativa presença de eletrodomésticos, como TV, geladeira, equipamentos de som etc., que até há alguns anos, não se via nessas comunidades rurais. Tais fragmentos ainda estão sendo implementados aos poucos no meio rural. Isso indica o predomínio das características e do modo de vida rural, além da essência do sistema ribeirinho se fazer presente em seu cotidiano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modo de vida ribeirinho apresenta predomínio do tempo cíclico/ecológico do regime hidrológico sobre o acíclico/cronológico do meio urbano. No entanto, observa-se um espaço-tempo da vida social que não pode ser visto como sistema fechado e linear, pelo contrário, trata-se de uma formação dialética. As urbanidades encontradas nas comunidades abrangidas na área de realização das observações de campo são aspectos desse novo mundo rural ribeirinho, integrando-se cada dia no cotidiano da população varzeana.

O desenvolvimento da pesquisa permitiu a reflexão sobre a relação em rede entre a Ilha do Careiro e a metrópole Manaus. Assim, Careiro da Várzea, sendo um município predominantemente rural que tem na lavoura sua principal atividade econômica, funciona como um setor voltado à produção de insumos de baixo valor agregado, onde se explora os solos varzeanos, em geral, mais férteis que os de terra firme. Esses produtos primários produzidos na Ilha do Careiro e proximidades, praticamente em sua totalidade, são transportados para serem comercializados na metrópole. Além dessa relação de “produção, transporte e consumo”, identificou-se fluxos temporários de pessoas da Ilha do Careiro para Manaus, especialmente nos períodos sazonais quando a atividade de pesca e agrícola arrefece no local, contexto que leva uma parcela da população ribeirinha a procurar trabalhos intermitentes, tais como na construção civil, no núcleo metropolitano.

Sobre a questão do tempo (social) cíclico na Amazônia ribeirinha, verificou-se que as variações sazonais dos rios, que afetam sua produção agrícola, sua mobilidade e seu acesso a serviços urbanos, também pode ser considerada a tese central da presente reflexão. Em complemento a isso, identificou-se diferentes práticas espaciais que expressam a relação dos ribeirinhos com o tempo cíclico, como a agricultura de hortaliça e outras culturas mais duráveis, mas ainda de ciclo curto, por meio da suspensão, respectivamente, via canteiro ou aterramento, além disso, cita-se o deslocamento sazonal do gado da várzea para a terra firme e vice-versa.

A partir dessas discussões, pautadas principalmente nas observações realizadas no trabalho de campo, reforça-se a importância das atividades econômicas e sociais comunitárias e, sobretudo, das práticas espaciais instrumentalizadas local e regionalmente a fim de contribuir com a permanência das populações ribeirinhas em sua organização espacial. Entre outros elementos, pode-se apontar que esse contexto sociopolítico e espacial, que também está associado à dicotomia tradição-modernidade, tende a estar ligados, no sentido de influenciar desde a toponímia da localidade até as técnicas utilizadas.

Como perspectiva para estudos futuros e complementares, aponta-se as ruralidades na cidade do Careiro da Várzea, onde são visíveis na vida cotidiana, como por exemplo a presença de pequenos plantios e criação de gado no entorno da cidade. Ao se considerar esses apontamentos, seria possível identificar desdobramentos dessas configurações em escalas diferentes.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BERNARDINO, Fredson A. S.; LIMA, Marcos Castro de. Careiro da Várzea e Iranduba: metropolização seletiva no contexto da Região Metropolitana de Manaus. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará**, Belém, PA, v. 8, n. 1, 2021. DOI: 10.17648/ihgp.v8i1.200. Disponível: <https://www.ihgp.net.br/revista/index.php/revista/article/view/200>. Acesso em: 1 set. 2023.

CARVALHO, José Alberto Lima de. **Terras caídas e consequências sociais**: Costa do Miracauera-Paraná da Trindade, município de Itacoatiara-AM, Brasil. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, 2006.

CRUZ, Manuel de Jesus Masulo da. Campesinato e Meio Ambiente na Várzea da Amazônia. *In*: MEDEIROS, Rosa Maria Vieira; FALCADE, Ivanira (org.). **Tradição e novas tecnologias**: as novas territorialidades do espaço agrário brasileiro. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009. p. 143-170.

FRAXE, Therezinha J. P. **Cultura cabocla-ribeirinha**: mitos, lendas e transculturalidade. São Paulo: Annablume, 2004.

LENCIONI, Sandra. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, SP, v. 12, n. 1, p. 109-123, 2008. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2008.74098. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74098>. Acesso em: 4 out. 2023.

LIMA, Marcos Castro de. Cidades anfíbias na Amazônia brasileira: tempo cíclico/ecológico e acíclico-cronológico em Anamá e Careiro da Várzea. *In*: LIMA, Marcos Castro de; CRUZ, Manuel de Jesus Masulo da; ARAÚJO, Nelcionei José de Souza (org.). **A geografia Amazônica em múltiplas escalas**. Embu das Artes, SP: Alexa Cultural; Manaus, AM: EDUA, 2021. v. 1.

LIMA, Marcos Castro de. **Quando o amanhã veio ontem**: a institucionalização da Região Metropolitana de Manaus e a indução ao processo de metropolização do espaço na Amazônia ocidental. 2014. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2014.

NOGUEIRA, Ricardo José. Amazônia: uma visão que emerge das águas. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, SP, n. 2, p. 79-82, 1997. DOI: <https://doi.org/10.7154/RDG.1997.0011.0015>

RAULINO, Ilma de Farias. O espaço em metropolização: as urbanidades no rural na comunidade São Francisco no município Careiro da Várzea - AM. **Revista Geonorte**, Manaus, AM, v. 14, n. 44, p. 1-22, 2023.

RIOS, Thayanne Lisboa; MATOS, Jônatas A. Eventos extremos na Calha do Rio Solimões: um estudo de caso da ocorrência de cheias e vazantes na Ilha do Careiro da Várzea-AM. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA GEOGRAFIA FÍSICA, 1., 2017, Campinas, SP. *Anais eletrônicos* [...]. Campinas: UNICAMP, 2017. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/sbgfa/article/view/2045/2283>. Acesso em: 4 out. 2023.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo: razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2006.



Brenda Sarah Cardoso **DE CASTRO**  
Fredson Bernardino Araújo **DA SILVA**  
Marcos Castro **DE LIMA**

SANTOS, Milton. **O espaço dividido**. Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2. ed. Tradução de Myrna T. Rego Viana. São Paulo: Edusp, 2004.

STERNBERG, Hilgard O'Reilly. **A Água e o homem na Várzea do Careiro**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998.

**Recebido em:** 18 de dezembro de 2023

**Aceito em:** 31 de julho de 2024

